

A ORALIDADE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE LÍNGUA PORTUGUESA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

¹Maria Betânia Dantas de Souza - UFRN
Márcia Rejane Brilhante Campêlo - UFRN
Departamento do Programa de Pós-Graduação
em Estudos da Linguagem (PPGEL)

RESUMO

Este trabalho discute a necessidade de compreender a relevância da oralidade para o ensino e a aprendizagem de língua materna nos anos iniciais do ensino fundamental. O estudo investiga as concepções de professores de língua materna dos anos iniciais no que se refere à questão do ensino da oralidade e as contribuições desse ensino para a aquisição da modalidade escrita. Para tanto, seguimos uma abordagem qualitativa de pesquisa (CHIZZOTTI, 2005) e coletamos o *corpus* de nossa investigação junto aos professores colaboradores do ensino fundamental, por meio da aplicação de questionários. Teoricamente, embasamo-nos nos PCN (2001) e em estudos que tratam da oralidade no ensino de língua materna (CAVALCANTE E MELO, 2006), (MARCUSCHI, 2008), (OLIVEIRA, 2010). Com isso, refletimos que a língua escrita tem seu lugar de destaque na escola enquanto que a fala, por sua vez, permanece em segundo plano. Isso se deve à inexistência do processo de formação voltada para essa problemática. Nesse sentido, observamos que o uso dos aspectos orais da língua não faz parte do processo de ensino e aprendizagem tampouco é empregado na prática para desenvolver as competências e habilidades do aprendiz. Em face às respostas dos professores colaboradores da pesquisa o que fica em evidência é a ausência do conhecimento construído e de uma formação fundamentada nessa temática.

Palavras chaves: Oralidade. Ensino e aprendizagem. Língua materna

¹ Professora de línguas portuguesa e inglesa da rede pública de ensino, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da linguagem (PPGeL) da UFRN.

² Aluna da graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Introdução

Há algumas décadas o estudo sobre a oralidade tem avançado com a intenção de revelar que o ensino da modalidade oral é tão importante para o aprendiz de língua, seja ela materna ou estrangeira, quanto o ensino da modalidade escrita.

Fávero, Andrade e Aquino (2009, p.13) atentam para o ensino da oralidade tido como algo que não deve ser “visto isoladamente”. Ou seja, a fala não anda afastada da escrita, ambas “mantêm entre si relações mútuas e intercambiáveis”. Na verdade, é utilizando o conhecimento adquirido em seu contexto sócio-cultural que levaremos o aluno a adquirir novas formas de aprender, nesse caso, estamos falando da oralidade e da escrita, uma vez que, se centraliza o foco na questão de que a criança chega ao espaço escolar já sabendo falar, torna-se um empecilho para que o professor vislumbre sobre a relevância do trabalho com a oralidade em sala de aula, e limita-se apenas no ensino focalizado para o uso da escrita, à qual tem seu espaço fundamental no contexto escolar.

O objetivo deste artigo é refletir sobre essa prática em sala de aula e trilhar caminhos que levem o professor de língua materna, seja ele em qualquer instância de ensino, a conscientização sobre a relevância do trabalho com a modalidade falada.

O texto se organiza da seguinte forma: começamos com uma abordagem sobre a oralidade no contexto atual, destacando suas características e contribuição para o ensino de língua materna. Na sequência, refletimos sobre a relação oralidade x escrita, destacando a relevância dessa relação para o desenvolvimento do processo de aquisição da escrita. Por fim, fazemos uma análise reflexiva sobre a concepção dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental, no que se refere ao ensino - aprendizagem da língua falada e suas dificuldades em aplicá-la no contexto da sala de aula.

Para a realização dessa pesquisa se fez necessário adotarmos a abordagem de natureza qualitativa e o método indutivo-interpretativista, uma vez que nosso principal interesse consiste em refletir sobre um ambiente da vida em sociedade – a sala de aula. Em outras palavras, partimos de dados empíricos sem a preocupação de lançar hipóteses ou quantificar resultados.

Nessa perspectiva, subsidiamo-nos na proposta de Chizzotti (2005, p. 78), o qual caracteriza as investigações de natureza qualitativa como “pesquisas que se empenham em mostrar a complexidade e as contradições de fenômenos singulares, a imprevisibilidade e a originalidade criadora das relações interpessoais e sociais”. Dessa forma, nosso objeto de estudo é visto sob a ótica da interpretação.

O estudo em questão configura-se como uma pesquisa de campo, haja vista que o *corpus* de análise foi constituído por questionários aplicados junto aos sujeitos colaboradores – quatro professores da rede pública de ensino, tendo como cenário uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Norte.

O ensino da oralidade no contexto da sala de aula: algumas reflexões

O ensino da língua falada ao longo desses anos vem ocupando o seu espaço em sala de aula. A motivação para que essa modalidade de uso da língua seja trabalhada no desenvolvimento das habilidades sócio-cognitivas dos alunos se faz presente em diversos estudos e pesquisas, dentre os quais se destacam: Cavalcante e Melo, 2006; Marcuschi, 2008; Fávero, Andrade e Aquino, 2009 e Oliveira, 2010; apenas para citar alguns.

Marcuschi (2008, p.25) define a oralidade como “uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora”. Essa característica nos leva a compreender que é por meio da interação que as pessoas se apropriam da língua falada nas mais variadas situações de uso formais e informais, sem se darem conta da importância dessa prática em seu cotidiano.

Sendo assim, essa falta de compreensão sobre a importância social da oralidade não difere de outras concepções ao se tratar do seu uso no contexto escolar. A visão de que os alunos aprendem a falar em contexto familiar e que é na escola que se aprende a ler e a escrever dificulta a valorização do ensino dessa modalidade, uma vez que devemos partir do uso da linguagem falada para se chegar ao uso formal da linguagem escrita.

Para contrapor essa concepção errônea, os Parâmetros Curriculares Nacionais sugerem novos princípios no ensino de língua materna e apresentam uma proposta de como a escola deve se posicionar em relação à necessidade de se trabalhar textos orais:

cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas [...]. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la. (BRASIL, 2001, p. 25).

Os PCN ressaltam a importância de preparar o aluno para as interações face a face, situadas nas mais diversas ocasiões, destacando, em especial, as situações que envolvem um público maior e exigem certo grau de formalidade, como é o caso de um seminário, ou debate, por exemplo. Atestam que a escola tem a função de levar o educando a compreender que os discursos precisam ser devidamente planejados, tendo em vista os níveis de formalidade assumidos.

Sendo assim, é necessário que o aluno tenha consciência de que sua fala é uma prática social, e como tal, está inserida num determinado contexto, veicula certos valores, e produz sentido, e que, mudando-se o contexto, muda-se também o modo de falar, ou seja, o grau de formalidade. Nesse sentido, fazer uso da linguagem

compreende colocar em evidência os aspectos sócio-culturais que constituem a identidade do falante.

Nas palavras de Marcuschi (2008, p.25), a fala “[...] caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos”. Isso significa que os sons são articulados através de recursos expressivos como os gestos, a mímica e os movimentos do corpo que apesar de fazerem parte de outra ordem, são significativos para a compreensão da mensagem que se deseja transmitir.

A concepção de que há uma dicotomia na relação entre fala e escrita vem sendo alertada na medida em que novos estudos vão surgindo. Nessa perspectiva, Marcuschi defende a hipótese de que “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de pólos opostos”. (MARCUSCHI, 2008, p.37). Diante disso, o autor elaborou um gráfico de representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita. Assim, há gêneros orais que se aproximam da escrita, como as conferências, e há gêneros escritos que possuem pontos de aproximação com a oralidade, como um bilhete, por exemplo.

Oliveira (2010, p.3), ao analisar o texto de uma escrevente do 2ª ciclo, em estudo piloto desenvolvido com alunos-professores em formação inicial, constata que por falta de conhecimento sobre os estudos da oralidade os investigados apresentaram dificuldades diante da prática de retextualização. Segundo a autora, na prática o que perpetuam é “[...] apenas assinalar erros de grafia, pontuação e concordância”. Isso acontece por que os docentes sentem dificuldades em identificar aspectos orais que constituem o texto, o que acaba dificultando o trabalho desses profissionais, no que se refere ao uso das práticas da escrita.

O trabalho com a oralidade exige não só o envolvimento do professor, mas também de todos aqueles que fazem parte do contexto didático-pedagógico. Ou seja, é preciso realizar um trabalho coletivo, um apoio pedagógico que mobilize e incentive o professor, apresentá-lo e discutir sobre as referências teóricas, documentos oficiais que lhe sirvam de suporte, já que nos livros didáticos do ensino fundamental a oralidade se apresenta num “espaço menos privilegiado” (CAVALCANTE e MELO, 2006, p.182).

Nesse contexto, analisando as respostas de professores do segundo ciclo do ensino fundamental verifica-se que o trabalho com a modalidade oral em sala de aula não depende apenas do interesse do professor, mas também, de um trabalho coletivo que possibilite um conhecimento fundamentado a cerca dessa temática. Nessa direção, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001) apontam o diálogo entre aluno x professor e aluno x aluno como uma excelente estratégia de construção do conhecimento.

O tratamento da oralidade em sala de aula: evidencias dos dados

De acordo com as informações colhidas, a pergunta número três que trata de quanto tempo de experiência profissional na educação possuem esses docentes. A essas perguntas constatamos que esse período equivale a no mínimo oito anos, e no máximo dezessete anos de sala de aula; todos no ensino fundamental. Na pergunta de número sete questionamos a quantidade de alunos em cada turma, o que variam entre 20 a 30 alunos por classe.

As turmas do 4ª e 5º anos do 2ª ciclo do ensino fundamental compreendem uma faixa etária entre sete e dez anos.

Ao responderem a questão quatorze “O que você entende por oralidade?” analisamos a resposta do professor número três:

P3 - “é o domínio da fala”.

Essa concepção impede que o professor enxergue no contexto da sala de aula a relevância do trabalho focado para o ensino da língua falada. Consequentemente, no ponto de vista do professor o aprendiz já chega à escola com o domínio dessa modalidade, dessa forma o foco principal continua, ainda, sendo o ensino da modalidade escrita.

No tocante ao trabalho com os gêneros, perguntamos: “Quais os gêneros orais mais trabalhados durante as atividades em sala aula?” Ao analisar as respostas verbalizadas pelos colaboradores da pesquisa, constatamos que apenas um desses sujeitos tinha a noção do que venha a ser gêneros orais.

P4 “debates, exposição dos trabalhos desenvolvidos leitura, contação de história e etc..”

Essa falta de conhecimento sobre as mais variadas formas de gêneros limita o professor a compreender o texto como um todo.

Diante dessas respostas e diante da multiplicidade de gêneros orais, indagamos: “O que impede que o professor trabalhe esse assunto em sala de aula”? Para essa pergunta, nos pautamos na resposta:

P2 “A falta de atenção, e de uma boa aprendizagem nas séries iniciais”.

Essa desatenção por parte dos alunos, como cita por unanimidade os professores colaboradores dessa pesquisa, pode ser traduzida pela carência de formação profissional e de um planejamento de estratégias que trate de motivar e despertar interesse no aluno durante a aula. Desse modo, a falta de conhecimento por parte dos professores sobre as bases teóricas que asseguram a relevância do ensino não consentem inovações nas ações em sala de aula. Mas essa ocorrência, e o que se sabe sobre ela já são bastante denunciados em encontros pedagógicos. Assim, interessa-nos focalizar nossa reflexão na concepção do uso da língua falada e na relevância que essa modalidade implica para o ensino da aquisição da escrita. Em razão das dificuldades apontadas pelos professores colaboradores, a saber, problemas de aquisição da leitura e da escrita dos alunos do 4º e 5º anos do ensino fundamental, seria possível afirmar que essa problemática vem se arrastando desde a alfabetização dessas crianças, o fato de priorizar, na escola, o ensino da modalidade escrita da língua em detrimento da modalidade oral desvia o professor de buscar novos caminhos para desenvolver um trabalho que leve o aluno a descobrir outros modos de aprender a ler e a escrever.

Fazemos nossas as palavras de Oliveira (2010, p.6), ao afirmar que “o professor, em razão de desconhecer a ordem da oralidade e os mecanismos que regem a fala, reage ao texto do escrevente, marcando apenas restrições de natureza linguístico-gramatical.” No entanto, localizar apenas os traços linguísticos, ou seja, as questões relacionadas aos erros de grafia, e assim, deixam de olhar os aspectos semióticos que constituem o texto.

Conclusões

As discussões realizadas ao longo desse trabalho nos possibilitam refletir que a oralidade deve ter um espaço no ensino de língua materna condizente com sua relevância social, tendo em vista a necessidade de que os alunos possam desenvolver essa modalidade também na sala de aula, uma vez que é papel da escola prepará-los para as mais diversas situações interativas.

É necessário pensar acerca do que é a fala e como ela se processa, pois, tal qual afirmam Cavalcante e Melo (2006, p. 183), a simples proposta “converse com o colega”, muitas vezes apresentada, não dá conta de compreender os processos de organização do texto falado. Além disso, a ênfase em atividades orais irá demonstrar que há um contínuo entre o oral e o escrito, fato que se distancia do preconceito e do lugar do caos a que muitas vezes a fala é relegada. (MARCUSCHI, 2008, p. 37)

Levar o aluno a refletir dessa forma, possibilitará que ele perceba a importância de interagir em contextos diferentes, e que para isso, utilizará variados gêneros orais e escritos. Nessa direção, o ambiente escolar deve oferecer aos alunos essa prática, o que contribui, também, para o desenvolvimento do sujeito enquanto autor de seu discurso em diferentes lugares, desde os mais espontâneos aos mais formais.

Sendo assim, a formação continuada torna-se relevante para que o professor adquira conhecimentos e estratégias sistemáticas para o desenvolvimento das atividades interativas em sala de aula, com base em planejamentos diários, tendo em vista que as práticas sociais de uso da língua falada são tão importantes para a formação do educando quanto o uso da língua escrita.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental - língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CAVALCANTE, M. C. B; MELO. Oralidade no ensino médio: em busca de uma prática. *In*: BUNZEN, C; MENDONÇA, M. (Orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 181-198. (Série estratégias de ensino, 2).

CHIZZOTTI, A. Da pesquisa qualitativa. *In*: _____. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 77-85.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. **Oralidade e escrita. Perspectivas para o ensino de língua materna**. 7. Ed. São Paulo: Cortez. 2009.

MARCUSCHI L. A. **Da fala para a escrita. Atividades de retextualização** 9. ed. São Paulo: Cortez. 2008.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. **Produção escrita e ensino: o texto como uma instância multimodal**. Disponível em: <<http://www.letramento.iel.unicamp.br>>. Acesso em: 11 abr. 2011.